



Filosofia da Mente

virtudes

Reflexão

Arbitrio

Mente

Planos de aula

Squire Family Foundation
Instituição financiadora do projeto

Johns Hopkins – Center for Talented Youth
Instituição parceira criadora do material

Claretiano – Centro Universitário
Instituição parceira responsável pela divulgação do material no Brasil



**SQUIRE FAMILY
FOUNDATION**
Advancing Philosophy Education

ORGANIZAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Organizador: Edson Renato Nardi

CORPO TÉCNICO EDITORIAL DO CLARETIANO - CENTRO UNIVERSITÁRIO

Gerente de Material Didático: Rodrigo Ferreira Daverni

Preparação: Aline de Fátima Guedes • Camila Maria Nardi Matos • Carolina de Andrade Baviera • Cátia Aparecida Ribeiro • Elaine Aparecida de Lima Moraes • Josiane Marchiori Martins • Lidiane Maria Magalini • Luciana A. Mani Adami • Luciana dos Santos Sançana de Melo • Patrícia Alves Veronez Montera • Simone Rodrigues de Oliveira

Revisão: Eduardo Henrique Marinheiro • Filipi Andrade de Deus Silveira • Rafael Antonio Morotti • Vanessa Vergani Machado

Projeto gráfico, diagramação e capa: Bruno do Carmo Bulgarelli • Joice Cristina Micai • Lúcia Maria de Sousa Ferrão • Luis Antônio Guimarães Toloí • Raphael Fantacini de Oliveira • Tamires Botta Murakami

Videoaula: André Luís Menari Pereira • Bruna Giovanaz • Gustavo Fonseca • Marilene Baviera • Renan de Omote Cardoso

INFORMAÇÕES GERAIS

Título: Plano de Aula - Filosofia da Mente

Formato: 210mm x 297mm

Páginas: 30 páginas

Edição: 1ª

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Johns Hopkins – Center for Talented Youth e Squire Family Foundation – Advancing Philosophy Education

**Copyright © Johns Hopkins – Center for Talented Youth e Squire Family Foundation – Advancing
Philosophy Education**

2020 Claretiano – Centro Universitário
Todos os direitos reservados.

SUMÁRIO

CONTEÚDO

DIA 1 – SUBJETIVISMO E EGOÍSMO	6
1. ATIVIDADE: QUAL É A SUA TEORIA DA MENTE?.....	6
2. INTRODUÇÃO AO PROBLEMA DO DUALISMO MENTE-CORPO.....	7
DIA 2 – DUALISMO CARTESIANO	8
1. REVISÃO.....	8
2. DUALISMO CARTESIANO.....	8
3. LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO O PROBLEMA MENTE-CORPO	10
DIA 3 – BEHAVIORISMO LÓGICO	11
1. ENFOQUE GERAL DO BEHAVIORISMO LÓGICO.....	11
2. SENDO UM BEHAVIORISTA LÓGICO	12
3. OBJEÇÕES AO BEHAVIORISMO LÓGICO	12
DIA 4 – TEORIA DA IDENTIDADE	13
1. “SENSAÇÕES E PROCESSOS MENTAIS” – JOHN SMART.....	13
2. VISÃO GERAL DA TEORIA DA IDENTIDADE	14
DIA 5 – FUNCIONALISMO	15
1. OBJEÇÕES À TEORIA DA IDENTIDADE	15
2. RESOLVENDO O PROBLEMA DA IDENTIDADE DE TIPO.....	16
3. INTRODUÇÃO AO FUNCIONALISMO	16
DIA 6 – OBJEÇÕES AO FUNCIONALISMO	17
1. QUALIA AUSENTE – FORMAR DUPLAS/COMPARTILHAR.....	17
2. QUALIA INVERTIDA	18
DIA 7 – O ARGUMENTO DO CONHECIMENTO	19
1. “O QUÊ MARIA NÃO SABIA” – VÍDEO MUSICAL:.....	19
2. O ARGUMENTO DO CONHECIMENTO	19
3. “SABENDO COMO” VERSUS “SABENDO QUE”	20
DIA 8 – O QUARTO CHINÊS	21
1. TROCA DOS GUIAS DE LEITURA	21
2. O ARGUMENTO DO QUARTO CHINÊS	21
DIA 9 – O PROBLEMA DE OUTRAS MENTES	23
1. INTRODUÇÃO	23
2. SOLUÇÕES DOS ALUNOS.....	23
3. DUAS SOLUÇÕES PARA O PROBLEMA DE OUTRAS MENTES.....	24
DIA 10 – CONCLUSÃO	25
1. EXERCÍCIO ESCRITO EM SALA	25
2. REFERÊNCIAS	25

PLANOS DE AULA

Esta série de planos de aula de Filosofia é composta pelos seguintes módulos:

Ética

Ética Aplicada

Epistemologia

Estética

Filosofia da Religião

Filosofia Política

Livre Arbítrio

Filosofia da Ciência

Método Filosófico

Identidade Pessoal

Filosofia da Mente



APRESENTAÇÃO

Neste plano de aula, os autores têm como tema a Filosofia da Mente. Uma das dificuldades que tivemos ao realizar a tradução e adaptação para o português ocorreu quando nos deparamos com as sugestões de leituras propostas pelos seus autores. Infelizmente, não localizamos uma literatura robusta o suficiente em língua portuguesa que pudesse substituir adequadamente algumas dessas sugestões, no entanto, em algumas delas, mantivemos também a sugestão original para caso seu aluno possua fluência em língua inglesa, de modo que essa profundidade não seja perdida.

Mais especificamente quanto ao tema, ainda que algumas de suas reflexões se iniciem com Platão e com os filósofos modernos, é com o advento dos avanços científicos, advindos da neurociência, robótica etc. que se apresentam questões cruciais sobre a Filosofia da Mente e, em razão disso, atrevo-me a dizer que esse é um dos ramos mais recentes e palpitantes na investigação filosófica contemporânea.

Dentre algumas das questões que perpassam a Filosofia Mente, destaco as questões a seguir: O que é a mente? A mente está dentro do nosso cérebro? Podemos conhecer outras mentes? A mente é subjetiva, objetiva ou alguma outra coisa? A mente é diferente da matéria? O que consideramos ser a mente normal?

Interessante não? Questões como as apresentadas acima, ocorrem a todo o momento em produções cinematográficas, televisivas e literárias, tornando oportuna e necessária a existência deste plano de aula.

Bons estudos!

Prof. Dr. Edson Renato Nardi

Coordenador do curso de Filosofia do Claretiano – Rede de Educação

DIA 1 – SUBJETIVISMO E EGOÍSMO

Conteúdo:	Método:
1. Qual é a sua teoria da mente? (40 minutos)	1. Refletir/Formar duplas/Compartilhar
2. Introdução ao problema do dualismo mente-corpo (15 minutos)	2. Apresentação expositiva

Orientações ao professor

O objetivo deste primeiro dia é fazer os estudantes refletirem os conceitos que possuem a respeito da natureza da mente e fornecer-lhes uma breve introdução ao problema do dualismo mente-corpo.

Objetivos e palavras-chave

- Os estudantes devem ser capazes de expressar o que eles acreditam a respeito da natureza da mente.
- Os estudantes devem entender e ter a capacidade de formular a questão central do problema do dualismo mente-corpo.
- Palavras-chave: dualismo, fisicalismo, consciência, intencionalidade.

1. ATIVIDADE: QUAL É A SUA TEORIA DA MENTE?

Refletir/formar duplas/compartilhar

Para refletir: redação individual

1. Crie uma lista de atividades nas quais seu cérebro e sua mente são a mesma coisa e uma lista na qual são diferentes.
2. Descreva o que você acha que sua mente é, prestando particular atenção em como sua mente e seu cérebro se relacionam.

Para trabalhar em duplas: discuta o tema com seu parceiro

1. Comparem as respostas do item 2 (anterior) e formulem uma tese para explicar a conexão entre mente e cérebro.

Para compartilhar: as duplas vão expor suas descobertas para a classe

Organize a descrição das teorias da relação mente-cérebro de cada dupla para a classe.

2. INTRODUÇÃO AO PROBLEMA DO DUALISMO MENTE-CORPO

Embora seja um ramo da Filosofia, a filosofia da mente abrange muito mais do que o problema do dualismo mente-corpo. A problemática da natureza da mente e sua relação com o corpo (especialmente o cérebro) é o cerne das questões sobre as quais os filósofos da mente se debruçam. Por um lado, mente e corpo parecem ser diferentes; por outro lado, explicar essas diferenças alegando que a mente é uma entidade diferente (semelhante à alma) não deixa de ser complicado. Em primeiro lugar, como um corpo material e uma mente imaterial poderiam interagir entre si? E, no entanto, parece óbvio que eles assim o fazem. Em segundo lugar, a história está cheia de fenômenos que em um primeiro momento pareciam sobrenaturais, mas, com o avanço da ciência, tornaram-se fenômenos físicos facilmente explicáveis (como, por exemplo, os raios, que na antiguidade eram descritos como atos dos deuses). Por que acreditaríamos que com o cérebro seria diferente?

(Solicite exemplos dos estudantes certificando-se de introduzir os conceitos de intencionalidade e consciência, pois serão conceitos críticos mais adiante no módulo de estudo. **Consciência** pode ser pensada como estar desperto ou consciente, um estado de se saber ou intuir como as coisas são. **Intencionalidade** pode ser vista como o pensar sobre alguma coisa. Nossos pensamentos e crenças representam ou se dão sobre coisas do mundo exterior).

O restante do módulo será dedicado à exploração dos vários pontos de vista a respeito da natureza da mente. Os pontos de vista analisados estão relacionados a duas áreas: dualismo e fisicalismo (ou materialismo). Dualismo é a tese que mente e corpo são coisas distintas; que existem dois diferentes “ingredientes” que fazem um ser humano. Materialistas ou fisicalistas alegam que existe um só ingrediente: nossos corpos físicos. Para eles, todos os aspectos da vida mental podem ser reduzidos a eventos físicos (ativação de neurônios etc.). Como filósofos da mente, nós vamos explorar as várias versões dessas posições, cuidadosamente considerando todos os argumentos contrários e a favor. Novamente, a ênfase é em argumentos e não opiniões. Apesar de serem temas aos quais todos temos fortes intuições e crenças, é importante que consideremos com isenção todas as propostas de solução para o problema do dualismo mente-corpo e seus respectivos méritos e inconsistências.

DIA 2 – DUALISMO CARTESIANO

Conteúdo:	Método:
1. Revisão (5 minutos)	1. Leitura guiada e debates
2. Dualismo Cartesiano com referência à "Sexta Meditação" (30 minutos)	2. Apresentação expositiva
3. Explicando a Interação Mente-corpo (15 minutos)	

Orientações ao professor

Esta lição foi desenvolvida para introduzir aos estudantes o dualismo cartesiano e o argumento que ele utiliza para defender essa posição. Embora esse argumento esteja contido na "Sexta Meditação", se os estudantes já tiverem trabalhado com a epistemologia de Descartes (veja o módulo de Epistemologia), eles terão um contexto mais sólido sobre as motivações da abordagem de Descartes. Se o professor ainda não tiver ministrado o módulo de Epistemologia, será útil trazer algumas informações adicionais para que a turma compreenda melhor a motivação pela qual Descartes aborda essa questão dessa maneira, particularmente com respeito à noção de ideias claras e distintas (isto é, se Deus não me engana, tudo o que eu percebo clara e distintamente deve obrigatoriamente ser verdade). Para maiores informações, veja o módulo de Epistemologia.

Objetivos e palavras-chave

- Os alunos devem ser capazes de entender o dualismo cartesiano e serem capazes de discorrerem sobre a argumentação de Descartes.
- Os estudantes devem entender o problema da interação enfrentado pelos dualistas e terem um entendimento básico de possíveis formas dessa interação.
- Palavras-chave: dualismo, interacionismo, epifenomenalismo, paralelismo.

1. REVISÃO

Peça aos estudantes para resumidamente formularem o problema-mente-corpo e suas duas principais abordagens: o dualismo e o fisicalismo

2. DUALISMO CARTESIANO

A ideia é trabalhar com excertos da Sexta Meditação com a turma toda. E Descartes é uma excelente oportunidade para isso, porque sua escrita é desafiadora, mas seus argumentos podem ser compreendidos de forma bastante direta. Isto facilita tanto a aprendizagem do conteúdo quanto, ainda mais importante, faz os alunos se envolverem com o processo filosófico como um todo

Peça aos estudantes que leiam em silêncio o texto a seguir e reserve alguns minutos para referenciar os argumentos de Descartes. Trabalhe, então, cada um dos argumentos em conjunto com a turma toda.

O Argumento Cartesiano da Conceptibilidade

E, primeiramente, porque sei que tudo que clara e distintamente concebo pode ter sido produzido por Deus exatamente como eu as concebo, basta que eu seja capaz de clara e distintamente conceber uma coisa a parte de outra para que esteja certo de que uma coisa é diferente de outra. Sabendo que elas, pelo menos, foram criadas para existir separadamente pela onipotência de Deus e, não importando por quais forças essa separação ocorre e que me compelem a julgá-las separadamente, meramente porque eu sei com certeza que eu existo e, ao mesmo tempo não observo que nada além de ser um ser que pensa exista na minha essência ou natureza, eu, por direito, concluo que minha essência consiste em ser somente um ser pensante (ou uma substância cuja essência ou natureza total é meramente um pensar). E, embora eu possa, ou antes, como resumidamente direi, embora eu certamente possua um corpo ao qual estou intimamente interligado, não obstante porque, de um lado, eu tenho uma clara e distinta ideia de mim mesmo como sendo no máximo uma coisa pensante e sem extensão e, por outro lado, eu possua uma clara e distinta ideia de um corpo como sendo no máximo somente uma coisa extensa não pensante, é certo que eu (ou seja, minha mente, coisa pela qual eu sou o que eu sou) sou inteira e verdadeiramente distinto de meu corpo e posso existir sem ele.

Resumidamente, esse argumento de Descartes ressalta o seguinte:

1. Se eu posso clara e distintamente conceber duas coisas como sendo diferentes uma da outra, então é porque elas são realmente diferentes. (Descartes sustenta esse argumento baseado no fato de que só é logicamente possível que ele possa clara e distintamente conceber as coisas dessa maneira porque Deus assim o quer).
2. Eu posso clara e distintamente conceber minha mente como sendo distinta do meu corpo.
3. Por conseguinte, minha mente deve obrigatoriamente ser distinta do meu corpo.

O Argumento Cartesiano da Divisibilidade

Para começar apropriadamente este exame, eu reforço aqui, em primeiro lugar, que existe uma grande diferença entre mente e corpo, levando em conta que um corpo, devido a sua natureza, é sempre divisível, ao passo que a mente é totalmente indivisível. Pois, em verdade, quando considero minha mente, ou seja, a mim mesmo como no máximo não mais do que uma coisa pensante, não posso distinguir subdivisões em mim e eu, muito claramente, discirno que eu sou, de certo modo, uno e inteiro. E, conquanto a totalidade da mente esteja unida à totalidade do corpo, quando um pé, um braço, ou qualquer outra parte é amputada, estou consciente de que nada da mente foi subtraído. Também não podem as faculdades de desejar, perceber, conceber etc. ser apropriadamente designadas como partes separadas dela, pois é a mesma mente que é exercitada (como um todo único) em desejar, em perceber, em conceber etc. Mas exatamente o oposto ocorre em coisas corpóreas ou extensas, pois eu não posso imaginar nenhuma parte delas (não importando quão pequenas possam ser) que eu não possa separá-las em um exercício de pensamento e que, portanto, não possa considerá-las como indivisível. Isto em si já seria suficiente para ensinar-me que a mente ou a alma de um homem é inteiramente diferente do corpo, se já não tivesse consciência disto por fontes outras.

Resumidamente, o argumento de Descartes é o seguinte:

1. Todos os corpos são divisíveis.
2. Minha mente não é divisível.
3. Minha mente é, portanto, distinta do meu corpo.

(Agora é uma boa hora para perguntar aos alunos se os argumentos são válidos.

(Sim) Se os argumentos forem válidos, isso significa que as conclusões também o sejam?

(Não) Se os argumentos forem válidos, alguém pode contestar as conclusões? (Mostre que uma das premissas de Descartes não é verdadeira).

3. LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO O PROBLEMA MENTE-CORPO

Vamos, por ora, aceitar a conclusão de Descartes de que mente e corpo são entidades distintas. Como então um corpo interage com alguma coisa que não possui extensão, tal como o conceito cartesiano de mente? É óbvio que a mente e o corpo interagem entre si. Se eu der uma martelada no meu dedo, certamente experimentarei uma sensação de dor. Por outro lado, eu posso pensar em alguma coisa e determinar que meu corpo a execute. Examinemos, portanto, algumas ramificações desse raciocínio:

4. **Interacionismo** – A mente e o corpo interagem um com o outro. A pergunta, então, é como? Descartes postulou que era através da glândula pineal. Parece-nos bastante desafiador apresentar essa atraente teoria para explicar como um cérebro ou um corpo pode interagir com algo que é imaterial.
5. **Epifenomenalismo** – Esta é a teoria na qual os fenômenos mentais são causados por fenômenos físicos, mas que não causam efeitos nesses últimos. Nesse sentido, o comportamento é causado por impulsos nervosos. Uma analogia que tem sido sugerida é pensar os fenômenos mentais como sendo a fumaça de uma locomotiva. É causada pelo motor, mas não contribui em nada com seu funcionamento
6. **Paralelismo** – Esta é talvez a teoria mais estranha. Nesta linha de raciocínio, não existe nenhuma interação entre mente e corpo. Eles atuam em paralelo, como, por exemplo, dois cronômetros que são disparados exatamente ao mesmo tempo. Esta teoria não é muito satisfatória a não ser que explicasse como mente e corpo se coordenam tão bem. Na maioria das vezes, os defensores desta teoria a sustentam baseados numa harmonia preestabelecida por Deus para explicar como corpos e mentes interagem em uníssono.

Tarefa

Os argumentos de Descartes em favor do dualismo são válidos, mas suas conclusões podem ser refutadas se alguém puder demonstrar que uma ou mais de suas premissas são falsas. Escolha um dos dois argumentos e redija um parágrafo explicando qual premissa você refutaria como verdadeira e por quê.

DIA 3 – BEHAVIORISMO LÓGICO

Conteúdo:	Método:
1. Enfoque Geral do Behaviorismo Lógico (20 minutos)	1. Apresentação
2. Ser um Behaviorista Lógico (15 minutos)	2. Atividades em duplas
3. Objeções ao Behaviorismo (15 minutos)	

Orientações ao professor

Esta lição tem como objetivo apresentar aos estudantes a solução do problema mente-corpo apresentada pelos behavioristas lógicos. Se você estiver familiarizado com o behaviorismo como um método da Psicologia, ficará claro que o behaviorismo lógico está intimamente conectado com essa tradição (embora ser um behaviorista metodológico não obrigue ninguém a ser um behaviorista lógico). Após serem apresentados ao behaviorismo lógico, os estudantes terão a oportunidade de tentar expor em primeira mão como seria uma possível solução ao problema mente-corpo segundo essa tradição. Por último, esta aula apresentará objeções ao behaviorismo lógico.

Objetivos e palavras-chave

- Os estudantes deverão ser capazes de entender o behaviorismo lógico e suas conexões com o behaviorismo metodológico.
- Os estudantes deverão ser capazes de entender e desenvolver objeções à solução do problema mente-corpo apresentada pelo behaviorismo lógico.
- Palavras-chave: behaviorismo, behaviorismo lógico, qualia.

1. ENFOQUE GERAL DO BEHAVIORISMO LÓGICO

No início do século XX, os psicólogos travavam uma dura batalha para tornar a Psicologia uma ciência respeitada. Sabemos que as ciências tratam de eventos observáveis. Mais do que tentar estudar o interior oculto dos processos mentais, os psicólogos tentaram transformar a disciplina em uma ciência voltando sua atenção para o que pode ser efetivamente observado: o comportamento humano. O método behaviorista dominará a psicologia a partir de então até a revolução cognitiva no final daquele século.

Os filósofos também foram influenciados pelos esforços para tornar a Psicologia mais científica, influência essa que se manifestou no surgimento do behaviorismo lógico como proposta para a solução do problema mente-corpo. Para o behaviorista lógico, um termo como "mente" é apenas significativo na medida em que pode ser observado. Ou seja, quando eu afirmo que "João está com dor", eu não estou falando de acontecimentos misteriosos e inobserváveis na cabeça de Billy. Em vez disso, estou fazendo uma afirmação sobre como João se comportará. João provavelmente gritará de dor, apontará para a parte do corpo que dói etc.

Nesse sentido, a mente não é uma substância misteriosa que não tem extensão, mas simplesmente uma disposição para se comportar de certas maneiras específicas. (Esta é uma boa hora para perguntar aos alunos se isto é um conceito fisicalista ou dualista e por quê. A resposta óbvia é fisicalista – não há uma mente não física misteriosa, somente pré-disposição de nossos corpos para agir de modos específicos).

Dor é um tipo de estado mental, assim como as crenças. (Pergunte aos alunos como um behaviorista lógico entende crença, tais como a crença de que vai nevar amanhã, que Lady Gaga é melhor que Justin Bieber etc. Essas coisas podem ser explicadas como pré-disposição para se comportar de um certo modo. Por exemplo, minha crença de que o time "A" ganhará a copa do mundo pode ser explicada como uma pré-disposição para a formulação de certas afirmações do tipo "eu acho que o time 'A' ganhará o campeonato mundial" ou ir a uma casa de apostas e apostar nesse time etc.

2. SENDO UM BEHAVIORISTA LÓGICO

Disponha os alunos em duplas. Cada estudante deverá apresentar uma lista contendo três estados mentais para o outro (dor, fome, crenças etc.). Os alunos deverão explicar esses estados mentais como um behaviorista lógico os explicaria, em termos de pré-disposição de comportamento.

3. OBJEÇÕES AO BEHAVIORISMO LÓGICO

Comece perguntando aos alunos se eles estão satisfeitos com essa solução do problema mente-corpo. É bem provável que muitos deles não estejam. Pergunte o porquê. Existem muitas objeções ao behaviorismo lógico. Duas das maiores são as seguintes:

Objeção retrocesso-circulatória infinita

Explicar a pré-disposição de se comportar de uma maneira satisfatória é extraordinariamente complexa. Por exemplo, se eu sou uma pessoa tímida e estou entre um grupo de fãs do time "B", eu provavelmente não mencionaria de forma alguma minha crença de que o time "A" será campeão do campeonato mundial se me perguntassem, mesmo que realmente acreditasse nisso. Assim, existe muito mais que deve ser construído numa disposição para se comportar de uma certa forma.

Há alguns problemas a serem considerados:

1. Pode não ser possível para mim articular uma descrição completa porque existem incontáveis exceções.
2. As pessoas se comportam diferentemente em diferentes circunstâncias (nem todas nossas pré-disposições parecem ser as mesmas), mesmo que estejamos atribuídos dos mesmos estados mentais. Observe que a pré-disposição descrita acima se refere a um estado mental de ser tímido. Os behavioristas lógicos não são autorizados a se referirem de forma alguma a estados mentais que descrevem estas pré-disposições.

Objeção da qualia

Esta objeção é a razão pela qual muitos estudiosos não estão satisfeitos com o behaviorismo lógico. Alguns aspectos da vida mental têm características "qualia". Qualia são certas relações de semelhança, um tipo de experiência imediata. São descrições do tipo: nítido, opaco etc. Estar sofrendo é mais do que uma disposição para se comportar de acordo com a dor – existe um tipo de experiência mental de estar sofrendo.

Além disso, se pudéssemos imaginar criaturas behavioristas lógicas, elas se comportariam exatamente como nós, mas seus estados mentais seriam vazios e careceriam de qualia. Tais suposições sugerem, portanto, que existe mais na vida mental que somente pré-disposições de comportamento.

DIA 4 – TEORIA DA IDENTIDADE

Conteúdo:	Método:
1. "Sensações e Processos Cerebrais" – John Smart (30 minutos)	1. Leitura
2. Visão Geral da Teoria da Identidade (20 minutos)	2. Debate guiado

Orientações ao professor

Esta aula introduz os alunos à Teoria da Identidade como solução para o problema mente-corpo. Ela começa com os alunos lendo um dos mais importantes artigos sobre a teoria da identidade, de autoria de John Smart¹. Seus artigos deixam claro como a Teoria da Identidade dá uma resposta aos problemas enfrentados pelas considerações dos behavioristas lógicos. John Smart se apropria, também, dos avanços científicos que tratam do entendimento da vida mental humana (isto é, conexões entre o cérebro e estados mentais). Ele acredita que esses avanços demonstram que, um dia, uma hipótese completa da vida mental humana poderá ser formulada em termos puramente físicos.

Objetivos e palavras-chave

- Os alunos deverão ser capazes de entender a teoria da identidade como solução aos problemas mente-corpo e suas alegações principais.
- Palavras-chave: teoria da identidade, apêndices nomológicos.

1. "SENSAÇÕES E PROCESSOS MENTAIS" – JOHN SMART

Os alunos devem ler a primeira das duas páginas do artigo em PDF² de John Smart e responder às questões do guia de leitura.

John Smart começa seu artigo rejeitando o behaviorismo lógico devido ao argumento da qualia. (Veja as aulas dos dias anteriores sobre behaviorismo lógico para mais detalhes sobre essas objeções). Embora rejeite o behaviorismo lógico, Smart não deseja que a mente seja classificada como uma misteriosa substância não física, porque, em função do progresso da ciência, particularmente da neurociência, ele acredita que um dia os seres humanos e o comportamento humano serão explicados completamente em termos físicos. Ele não aceita que tudo no mundo possa ser explicado em termos físicos, exceto a mente. Se esse fosse o caso, estados mentais, tais como as sensações, seriam estranhos "apêndices nomológicos" (ou seja, que estão fora do âmbito das leis físicas que explicam todos os outros aspectos do nosso mundo). As leis fundamentais do universo, ele alega, serão capazes de explicar essas sensações.

¹ John Jamieson Carswell "Jack" Smart – Nascido em [Cambridge](#), 16 de setembro de 1920, e falecido em [Melbourne](#), 6 de outubro de 2012, foi um [filósofo](#), [professor](#) acadêmico e autor [inglês](#). Nasceu numa família de acadêmicos: seu pai era professor universitário de [Astronomia](#) na [Universidade de Cambridge](#) e seus dois irmãos mais novos vieram a se tornar professores, também de nível superior, de [História da arte](#) e [Estudos religiosos](#). Graduiu-se na [Universidade de Glasgow](#), assim como seu pai, e depois adquiriu título de [bacharel](#) em [Filosofia](#) pela [Universidade de Oxford](#). Foi um dos primeiros proponentes da [Teoria da identidade mente-cérebro](#). Mudou-se para a [Austrália](#) em 1950 quando aceitou um emprego na [Universidade de Adelaide](#) e acabou passando a maior parte de sua vida nesse país, voltando à [Inglaterra](#) em algumas ocasiões, como quando foi eleito membro honorário da Corpus Christi College, faculdade constituinte da Universidade de Oxford, em 1991, e membro honorário da Queen's College, também de [Oxford](#), em 2010. Após sua aposentadoria, recebeu o título de [professor emérito](#) da [Universidade Monash](#), em [Melbourne](#), cidade onde veio a falecer. Criado como episcopal, Smart abandonou a fé e se considerava um "ateu relutante". (WIKIPEDIA, s/d, s/p).

² SMART, J. J. C. Sensations and brain process. *Philosophical Review*, v. LXVIII. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/07f2/bcbd183c4de13b0a20eb7e45858f185846c6.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

John Smart afirma que os estados mentais são simplesmente processos cerebrais. Não que dor signifique a mesma coisa que um processo cerebral do tipo X, por exemplo. Dor é um processo cerebral do tipo X da mesma forma que um raio é uma descarga elétrica. Para ele, sensações não são nem mais nem menos que processos cerebrais.

2. VISÃO GERAL DA TEORIA DA IDENTIDADE

Esta é uma exposição dialógica dirigida para se certificar de que todos os estudantes tenham entendido o artigo de John Smart e a teoria da identidade. Uma maneira sugerida de efetuar essa verificação é fazer com que os alunos compartilhem com a turma as respostas das questões do guia de leitura. Guiando e direcionando ativamente a discussão, o professor pode se certificar de que os alunos entenderam tanto a formulação da teoria da identidade quanto os fatores que incentivam afirmá-la como solução do problema mente-corpo.

Tarefa

A última parte do artigo de John Smart é dedicada a responder a potenciais objeções à teoria da identidade. Peça aos alunos que, em não mais do que uma página:

1. Resumam uma das objeções que John Smart apresenta nesta parte de seu trabalho ou
2. Apresentem sua própria objeção à teoria da identidade.

DIA 5 – FUNCIONALISMO

Conteúdo:	Método:
1. Objeções à Teoria da Identidade (10 minutos)	1. Apresentação expositiva
2. Resolvendo o Problema da Identidade de Tipo (15 minutos)	2. Discussão em grupos pequenos
3. Introdução ao Funcionalismo (25 minutos)	

Orientações ao professor

Esta aula apresenta o funcionalismo como uma solução ao problema mente-corpo. A teoria funcionalista é um pouco mais amena do que as fortes alegações feitas pelos teóricos da identidade. Assim, ela pode ser um conceito um pouco mais desafiador para seu entendimento pelos alunos. O funcionalismo não é somente uma solução comum para o problema mente-corpo na filosofia contemporânea, mas entendê-lo é também de suma importância para compreender as possibilidades da inteligência artificial etc.

(No endereço a seguir, você terá uma descrição sobre o funcionalismo. Disponível em: <<http://revistas.um.es/daimon/article/download/119491/112551/>>. Acesso em: 28 jan. 2019).

Objetivos e conceitos-chave

1. Os alunos devem ser capazes de entender o funcionalismo como uma solução para os problemas do dualismo mente-corpo e como ele se desenvolve a partir das limitações das estritas teorias da identidade
2. Conceitos-chave: funcionalismo, identidade de tipo, múltipla realizabilidade.

1. OBJEÇÕES À TEORIA DA IDENTIDADE

John Smart leva em consideração um certo número de objeções à teoria da identidade no final de seu artigo, mas não faz referência às objeções centrais colocadas em evidência por muitos filósofos que aderiram ao funcionalismo. A teoria da identidade de John Smart estabelece uma identidade do tipo forte. Por exemplo, a dor é o disparo neuronal das fibras-C. Entretanto, é bastante fácil imaginar que existam seres que podem experimentar a dor, mas não possuem nem as fibras-C nem qualquer coisa que se assemelhe a elas na sua estrutura neurofisiológica. Na realidade, a neuropsicologia está cheia de exemplos da flexibilidade das funções cerebrais. Há casos nos quais pessoas tiveram significativas lesões cerebrais (e até mesmo a perda de massa cerebral), mas seus estados mentais permaneceram normais. Portanto, parece equivocado afirmar que um estado mental em particular é simplesmente um tipo particular de estado físico cerebral. E não só é aparentemente possível, mas de fato existem casos reais nos quais estados mentais são efetuados por múltiplos estados cerebrais. Esta é a teoria da múltipla realizabilidade: que um estado mental particular pode ser realizado através de múltiplos estados físicos.

2. RESOLVENDO O PROBLEMA DA IDENTIDADE DE TIPO

Divida a sala em pequenos grupos de 3 a 5 alunos. Peça para que trabalhem de 8 a 10 minutos na tentativa de encontrar um meio de defender o fisicalismo, mas, ao mesmo tempo, evitando o problema da identidade de tipo enfrentado pela teoria da identidade pura.

Embora seja improvável que os grupos cheguem à conclusão de que o funcionalismo seja de fato uma solução, isto dará algum tempo a eles para que discutam e trabalhem sobre o assunto da identidade de tipo.

Conceda de 5 a 7 minutos para que os grupos compartilhem suas opiniões.

3. INTRODUÇÃO AO FUNCIONALISMO

O funcionalismo oferece uma solução para o problema da identidade de tipo. Oferece um modo de permitir a manifestação da múltipla realizabilidade e, ao mesmo tempo, evita a introdução da substância misteriosa da mente. Como o funcionalismo opera isto? Primeiro, o funcionalismo, como uma tese fisicalista, se interliga com a identidade de eventos ("Token Identity"). Embora os funcionalistas rejeitem a identidade de tipo, ou seja, rejeitem que há um único tipo físico que corresponda a um idêntico estado mental em particular, o funcionalismo aceita a ideia de que um evento de dor não é nada mais que a descrição de um evento físico. Em humanos, a dor pode ser o disparo de fibras-C, mas numa espécie alienígena, a dor pode ser o disparo de fibras-Q. Colocado de outra forma, eventos de dor não são nada mais que ocorrências de eventos físicos.

Como, então, a noção de dor faria sentido se não fosse apenas um tipo de estado físico? Os funcionalistas argumentam que antes de ser um estado físico particular (por exemplo, o disparo de fibras-C), a dor (e todos os outros estados mentais) é um estado funcional que pode ser estabelecido por uma variedade de condições físicas. Dizer que um estado mental é um estado funcional é dizer que ele ocupa um certo papel causal dentro de um sistema cognitivo do qual ele é parte. O que identifica um certo estado mental é a sua relação com estímulos sensoriais, outros estados mentais e com o comportamento. O seguinte exemplo, da Enciclopédia Stanford de Filosofia (2004), ilustra como o funcionalismo pode definir um estado mental de dor:

Por um, simplisticamente confesso exemplo, a teoria funcionalista pode caracterizar a dor como um estado que tende a ser causado por lesões corporais que produzem a crença que algo está errado com o corpo e com o conseqüente desejo de se sair deste estado. Produz ansiedade e, na falta de desejos mais fortes e conflituosos, carretas e gemidos. De acordo com esta teoria, somente os seres que possuem estados internos que atendem estas condições, ou desempenhem estes papéis, são capazes de sentir dor.

A analogia com um computador também pode ajudar os estudantes a entender a noção de estado funcional. Programas de computador são compostos de estados funcionais: você executa uma ação (pressiona uma tecla, dá um clique no mouse etc.), a ação é processada de acordo com o programa que está sendo executado e o resultado é dado como uma letra na tela, uma nova janela aberta etc. Observe que o programa é executável em diferentes equipamentos – existe uma variedade de diferentes materiais físicos que se pode utilizar para construir um computador e rodar um programa em particular.

Como este é um posicionamento um pouco discutível, é um bom momento para fazer uma pausa e confirmar se a turma está confortável com os temas abaixo:

1. Identidade de tipo *versus* identidade de eventos.
2. A noção de estado mental como um estado funcional.

Tarefa

Peça aos alunos para lerem a seção 1.2 do artigo Problemas com o Funcionalismo, de Ned Block. Disponível em: <https://www.academia.edu/2745007/Problemas_com_o_funcionalismo>. Acesso em: 31 jan. 2019.

DIA 6 – OBJEÇÕES AO FUNCIONALISMO

Conteúdo:	Método:
1. Qualia ausente – fazer dupla/compartilhar (30 minutos)	1. Fazer duplas/compartilhar
2. Qualia invertida (20 minutos)	2. Apresentação expositiva

Orientações ao professor

Esta aula cobre duas das principais objeções ao funcionalismo: qualia ausente e qualia invertida. A seção do artigo de Ned Block¹, referente às tarefas dos dias anteriores, trazem à tona a argumentação da qualia ausente. A qualia invertida é diferente em essência, mas ainda relacionada às objeções ao funcionalismo como solução ao problema mente-corpo.

Antes de iniciar, é importante se certificar que os alunos estão confortáveis com o tema dos estados mentais enquanto estados funcionais. Sem esse entendimento, os estudantes não serão capazes de acompanhar esta aula. Se o professor tiver dúvidas em relação à capacidade dos alunos de acompanhar esta lição, deve dedicar algum tempo para revê-la antes de abordar as objeções ao funcionalismo.

Objetivo

- Os estudantes devem ser capazes de entender as objeções dos conceitos de qualia ausente e qualia invertida ao funcionalismo.

1. QUALIA AUSENTE – FORMAR DUPLAS/COMPARTILHAR

Os alunos deverão ler a seção 1.2 do artigo *Problemas com o Funcionalismo*, de Ned Block, e completar o guia de leitura. Forme duplas com seus alunos para discutir as questões do guia de leitura. Após esse trabalho em grupo, analise as questões do guia de leitura com a classe toda, solicitando que duplas voluntárias contribuam com seus achados.

Segue, aqui, um resumo do argumento:

3. O Funcionalismo como culpado do liberalismo, porque, erroneamente, atribui estados mentais a um sistema que intuitivamente não possui estados mentais. Isto é o que Block tenta mostrar com o experimento do sistema chinês de pensamento.
4. Imagine que convencêssemos os chineses a replicar a função estrutural do nosso cérebro. As pessoas são os próprios neurônios. Estes são funcionalmente organizados para se comunicar de forma idêntica ao modo como estão organizados no cérebro. Em vez de se comunicarem uns com os outros com neurotransmissores, como os neurônios assim o fazem, os chineses usam rádios bidirecionais.
1. Block argumenta que, à primeira vista, existe uma dúvida de que o sistema chinês sequer tenha estados mentais, e duvida particularmente que tal sistema possa experienciar algo como uma qualia. Portanto, estados mentais, em particular a qualia, não são idênticos a estados funcionais.

¹ NED BLOCK (Ph.D., Harvard), professor emérito de Filosofia, Psicologia e Neurociência, nascido em Chicago – 1942. Em 1971, obteve seu Ph.D. da Universidade de Harvard sob a orientação de Hilary Putnam. Oriundo do MIT, assumiu a cátedra de Filosofia na Universidade de Nova York em 1996. Trabalha atualmente com a filosofia da percepção e os fundamentos da neurociência e da ciência cognitiva.

2. QUALIA INVERTIDA

O argumento da qualia invertida é muito parecido com o da qualia ausente. Se os estudantes tiverem um bom entendimento desse último, deverão ser capazes de entender a objeção da qualia invertida.

Imagine que existam duas pessoas funcionalmente equivalentes, o Direto e o Invertido. Embora sejam funcionalmente equivalentes, as experiências qualitativas ao enxergarem cores são invertidas. Examine o diagrama abaixo:



Fonte: Enciclopédia de Filosofia de Stanford.

Quando o Direto e o Invertido estão funcionais às 9 da manhã, o Direto enxerga verde, e o Invertido enxerga vermelho. Imagine que eles estejam olhando para um pepino e sejam questionados sobre a cor do mesmo. Porque eles são funcionalmente idênticos, têm que reagir da mesma forma e ambos dirão que é verde. Entretanto, existe uma diferença nas respectivas experiências qualitativas. O Direto tem uma experiência qualitativa de "enxergar verde", mas o Invertido tem uma experiência qualitativa de "enxergar vermelho". Embora sejam funcionalmente equivalentes, as respectivas experiências qualitativas são diferentes.

Essa qualia, portanto, não pode ser levada em consideração pelos funcionalistas. A experiência qualitativa não pode ser levada em conta pelo sistema funcional. Qualia é, portanto, não redutível a estados funcionais.

Tarefa

Peça aos estudantes que leiam o artigo *O que Maria não Sabia*, de Frank Jackson, desde o começo até o fim da seção 1, "Três Esclarecimentos", que termina no começo da página 293:

JACKSON, F. C. *O que Maria não sabia*. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/Jackson-Mary-nao-sabia-1.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2017

DIA 7 – O ARGUMENTO DO CONHECIMENTO

Conteúdo:	Método:
1. "O Que Maria Não Sabia" – Vídeo musical (5 minutos)	1. Vídeo
2. O Argumento do Conhecimento (20 minutos)	2. Discussão
3. "Sabendo como" versus "sabendo que" (25 minutos)	3. Leitura/formar duplas/compartilhar

Orientações ao professor

Esta aula introduz os estudantes ao Argumento do Conhecimento em oposição ao fisicalismo (de qualquer tipo). O Argumento do Conhecimento é diretamente relacionado aos argumentos da qualia ausente e da qualia invertida em oposição ao funcionalismo que foi apresentado em aulas anteriores. Na verdade, tanto o argumento da qualia ausente quanto o da qualia invertida podem ser utilizados como objeções a uma variedade de teses fisicalistas

Objetivos e palavras-chave:

- Os alunos devem ser capazes de entender o Argumento do Conhecimento em oposição ao fisicalismo.
- Os alunos devem ser capazes de entender a resposta do argumento "sabendo como" *versus* "sabendo que" ao argumento do conhecimento.

1. "O QUÊ MARIA NÃO SABIA" – VÍDEO MUSICAL:

Mostre aos alunos o seguinte vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=f2GCBIJvG5M>

2. O ARGUMENTO DO CONHECIMENTO

Esse argumento é facilmente assimilável e, portanto, o professor pode articular seus pontos-chave através de uma discussão de classe ao invés de uma exposição teórica.

- Comece pedindo aos alunos que façam um resumo do pensamento de Frank Jackson.
- Pergunte aos estudantes o que o experimento intelectual de Frank Jackson se propõe a demonstrar (sua linha de raciocínio é a que se segue):

1. O fisicalismo defende a tese de que o mundo é inteiramente físico.
2. Isto compromete os fisicalistas com a afirmação de que o conhecimento físico total do mundo é o conhecimento total do mundo. Se nós tivermos o conhecimento completo dos fatos físicos, mas tal conhecimento não for o conhecimento total do mundo, o conhecimento restante daquele conjunto de conhecimentos físicos terá de ser conhecimento não físico (o que os fisicalistas negam).

3. Apesar de ter o conhecimento físico total do mundo, Maria aprende algo a mais quando ela sai do seu quarto preto e branco.
4. Portanto, o conhecimento físico total do mundo não é o conhecimento total do mundo e o fisicalismo é falso.

3. "SABENDO COMO" VERSUS "SABENDO QUE"

Conceda aos alunos em torno de 5 minutos para que leiam os dois parágrafos completos da página 194 do artigo de Frank Jackson que apresentam o argumento do "sabendo como" *versus* "sabendo que". Disponha os alunos em duplas ou em pequenos grupos para que façam um resumo desse assunto. Em seguida, retorne a sala à sua disposição original e peça aos grupos que exponham seus resumos.

O argumento é o que se segue:

Uma linha de raciocínio contra o argumento do conhecimento é a ideia de que enquanto Maria aprende alguma coisa, a natureza do que ela aprende não se caracteriza como um problema para os fisicalistas. Nesse sentido, o que Maria aprende não é um fato sobre o mundo, mas antes um tipo de habilidade. Não é que Maria aprende alguma coisa nova, o que ela aprende é uma certa habilidade representacional ou de imaginação. Assim, os fisicalistas podem afirmar que ela aprende alguma coisa, mas, no entanto, o conhecimento completo dos fatos físicos do mundo é conhecimento dos fatos do mundo porque não é o conhecimento que Maria tem dos fatos que é limitado.

Em resposta, Jackson amplia essa experiência de pensamento sobre Maria. Ele conclui que Maria aprende novas habilidades na forma de habilidades representacionais, mas também aprende fatos sobre a experiência de outros.

Tarefa

Se os seus alunos possuem fluência na língua inglesa, solicite que leiam o artigo de John Searle¹ *É a mente um computador?* Peça aos estudantes que criem seus próprios guias de leitura e que estes contenham, pelo menos, cinco perguntas sobre os pontos principais levantados no artigo em questão.

SEARLE, J. R. *Is the brain's mind a computer?* Disponível em: <http://www.cs.princeton.edu/courses/archive/spr06/cos116/Is_The_Brains_Mind_A_Computer_Program.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2017.

Se os seus alunos não possuem fluência na língua inglesa, solicite que leiam o artigo a seguir: Disponível em: <<http://www.netmundi.org/filosofia/2014/podem-as-maquinas-pensar/>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

¹ **John Rogers Searle** (Denver, 31 de julho de 1932) é um filósofo e escritor norte-americano, professor da Universidade de Berkeley, na Califórnia, Estados Unidos. Ele é membro da Academia Americana de Artes e Ciências e da Academia Europeia de Ciência e Arte, destinatário de oito títulos honoríficos, e é membro da Guggenheim Fellow, conferencista da BBC Reith e duas vezes nomeado Fulbright Fellow.

Searle começou sua filosofia com o estudo do campo da linguagem em Atos da fala, o passo inicial em uma longa viagem ainda inacabada, abraçando não só a língua, mas também nos domínios da consciência e dos estados mentais, da realidade social e institucional, da racionalidade, da conexão do "eu" (self) com a intencionalidade individual e coletiva, da percepção e do realismo direto e, mais recentemente, na busca de uma explicação de uma estrutura racional como base para a existência de livre-arbítrio na filosofia da mente e na filosofia da sociedade. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Searle>. Acesso em: 11 jan. 2019.

DIA 8 – O QUARTO CHINÊS

Conteúdo:	Método:
1. Troca dos guias de leitura	1. Atividade com o guia de leitura
2. Argumento do Quarto Chinês (30 minutos)	2. Palestra/discussão

Orientações ao professor

Essa lição introduz os alunos ao famoso argumento do Quarto Chinês de Searle. Searle apresenta seu argumento como um argumento contra o que ele chama de tese do "Strong AI", não funcionalismo por si. Entretanto, o problema de intencionalidade apresentado pelo Quarto Chinês deve, certamente, ser anexado pelo funcionalismo, e a natureza intencional da mente deveria ser explicada/representada por alguma teoria fisicalista.

Objetivos e conceitos-chave

- Os estudantes devem entender o argumento do Quarto Chinês, de Searle.
- Os estudantes devem entender o desafio que a intencionalidade representa para teorias fisicalistas da mente.

1. TROCA DOS GUIAS DE LEITURA

Os alunos devem se organizar em pares e trocar os guias de leitura que criaram. Depois cada parceiro vai responder às questões no guia de leitura do outro. Por fim, vão discutir suas respostas entre si.

2. O ARGUMENTO DO QUARTO CHINÊS

Com base na atividade de troca de guias de leitura, peça para que os estudantes digam quais são as principais perguntas a serem respondidas para que se compreenda o argumento de Searle. Escreva as questões no quadro e vá marcando-as conforme for lhes respondendo em sua palestra/discussão. As questões devem incluir:

1. O que é intencionalidade?

[A Intencionalidade pode ser pensada como o caráter representacional, questão, ou conteúdo significativo dos nossos pensamentos e crenças.]

2. O que é a tese do "Strong AI"?

["Strong AI" é a visão de que computadores adequadamente programados (ou os próprios programas) podem entender a linguagem natural e possuem outras capacidades mentais similares às dos humanos, a quem eles imitam as habilidades]

3. Quais são os desafios que o argumento do Quarto Chinês representa para o funcionalismo?

[O Funcionalismo está intimamente conectado com o "Strong AI" na medida em que qualquer sistema com o tipo correto de estrutura *input/output* tem uma mente. Lembre-se do argumento "Block"]

4. Searle é um dualista ou fisicalista?

[O argumento do Quarto Chinês não pratica nenhum dos dois lados. É certamente um problema para o funcionalismo, mas não necessariamente para o teorista da identidade, que coloca mais ação não apenas na organização, mas na atual ferramenta. A própria posição de Searle parece algo relacionado com a teoria da identidade – essa consciência é casualmente redutível ao nosso sistema biológico de forma muito semelhante à forma que a assimilação é.

Se depois de ler o artigo de Searle você sentir que precisa de mais contexto, a *Enciclopédia de Filosofia de Stanford* tem uma excelente entrada na Sala Chinesa, que fornece respostas completas à essas perguntas.

Tarefa

Em poucos parágrafos, responda às seguintes questões: Como você sabe (com certeza) que outras pessoas têm mentes? Em outras palavras, como você sabe que elas não são zumbis que carecem do tipo de experiência consciente que você tem quando sente dor, enxerga o vermelho etc.? Informe aos alunos que você pedirá a alguns deles para compartilhar suas respostas na aula seguinte.

DIA 9 – O PROBLEMA DE OUTRAS MENTES

Conteúdo:	Método:
1. Introdução (5 minutos)	1. Palestra
2. Soluções dos alunos (30 minutos)	2. Apresentações dos alunos
3. Duas soluções para o problema de outras mentes	

Orientações ao professor

Esta lição introduz os alunos ao epistemológico problema de outras mentes. (Existe um problema conceitual também, mas essa lição foca como sabemos que outros têm mente.) A lição também introduz aos alunos duas soluções padrão ao problema.

Objetivos e conceitos-chave

- Os alunos devem entender o problema de outras mentes.
- Os alunos devem entender o argumento por analogia e inferência para a melhor solução.
- Conceitos-chave: epistemologia, acesso privilegiado, inferência para a melhor explicação.

1. INTRODUÇÃO

Defina, brevemente, o problema de outras mentes para os alunos. Introduza a eles o conceito de acesso privilegiado. Acesso privilegiado pode ser entendido como o caminho no qual nós sabemos precisamente nossos estados mentais. É importante notar que o acesso privilegiado não é apenas sobre a nossa incapacidade de observar o estado mental de outros. Mesmo que tivéssemos algum tipo de telepatia e pudéssemos observar seus estados mentais, nós ainda teríamos um tipo direto, acesso de primeira mão que nós temos à nossa. Nós conhecemos nosso próprio estado mental de uma forma que não podemos conhecer o estado mental de outros. O problema da mente de outros é como nós podemos saber que outros tem aquelas experiências interiores também.

Nota: se você ainda não tiver feito o módulo de epistemologia, é importante introduzir a ideia de epistemologia aos alunos como uma parte dessa introdução.

2. SOLUÇÕES DOS ALUNOS

Solicite voluntários para apresentar as soluções que eles prepararam como tarefa. Permita que outros alunos façam perguntas ao que estiver apresentando. Limite o tempo de cada aluno que for apresentar, incluindo questões, para 5 minutos. Isso vai permitir mais apresentações. Após o primeiro voluntário, solicite alunos que apresentem soluções diferentes.

3. DUAS SOLUÇÕES PARA O PROBLEMA DE OUTRAS MENTES

Argumento por analogia

Outros seres humanos são muito parecidos comigo. Eles se comportam de forma muito parecida com a forma com que eu me comporto em situações similares e têm uma composição biológica parecida. Quando eu me queimo dói e eu grito e estremeço. Quando outras pessoas se queimam elas fazem o mesmo. Eu posso, portanto, deduzir que elas estão sentindo dor também. Eu sei precisamente que eu tenho crenças, sensações e experiências conscientes. Dadas todas as outras similaridades que eu tenho com os outros, eu posso deduzir que outras pessoas também têm essas crenças, sensações e experiências conscientes.

Uma forte objeção a esse argumento é que é fundamentalmente baseado na *experiência do próprio argumentador*. Assim, é uma generalização baseada em um caso, no do argumentador, então não é uma generalização sólida.

Inferência à melhor explicação

Eu vejo outras pessoas gritarem quando sentem dor, proposições absolutas de uma forma que façam sentido etc. Enquanto eu não tenho evidências precisas, a **melhor explicação** para o que eu posso observar é que outras pessoas têm mentes.

Essa ideia de inferência à melhor explicação é muito usada em nosso raciocínio. Por exemplo, eu vejo pessoas saindo da escola com guarda-chuvas nas mãos. Eu ouço que o jogo de baseball à noite foi cancelado. Eu vejo outros alunos se apressando em entrar na escola com os cabelos molhados e pingando. Qual a melhor explicação para esses fatores? Mesmo que eu não tenha olhado para fora ainda, eu concluo que está chovendo.

A questão com essa solução é que, no caso do exemplo da chuva, eu posso verificar a conclusão. Eu só preciso olhar para fora. Contudo, com o problema da mente dos outros, eu não tenho como verificar (a princípio) a conclusão para o que eu estou inferindo. A dimensão para a qual isto é um problema gira em torno de uma discussão bastante técnica, mas existem fortes argumentos em ambos os lados.

Nota: essa solução evita a generalização por um único caso, encarado pela abordagem analógica.

Tarefa

Revisar os pontos fortes e fracos das várias soluções para o problema mente-corpo como preparação para a atividade em sala de amanhã.

DIA 10 – CONCLUSÃO

Conteúdo:	Método:
1. Exercício escrito em sala (50 minutos)	2. Escrito

Orientações ao professor

Esse exercício escrito em sala serve como uma atividade acumulativa para esse módulo. Duas opções são apresentadas para que você escolha.

1. EXERCÍCIO ESCRITO EM SALA

Opção 1

Permita que os alunos escolham escrever no período de aula sobre uma das duas questões a seguir:

3. O que é o problema mente-corpo? Examine criticamente uma das duas soluções para esse problema descrevendo seus pontos fortes e salientando as objeções mais convincentes.
1. O que exatamente significa "qualia"? Qualia coloca um problema para as teorias fisicalistas da mente? Por que ou por que não e até que ponto?

Opção 2

Comece fazendo com que os alunos revisem a teoria da mente que eles desenvolveram com os seus pares no primeiro dia do módulo. Peça aos alunos:

1. Comente sobre os pontos fortes e fracos de suas teorias originais e
2. Revise a teoria ou desenvolva uma nova, e descreva como essa nova teoria aborda os problemas da primeira teoria.

2. REFERÊNCIAS

Block, N., 1980, "Troubles with Functionalism", in *Readings in Philosophy of Psychology*, Vol. 1, N. Block (ed.), Cambridge, MA: Harvard University Press.

---, 1990, "Inverted Earth", *Philosophical Perspectives*, 4: 53–79.

---, 1995, "On a Confusion about a Function of Consciousness", *Behavioral and Brain Sciences*, 18: 227–47.

---, 1996a, "Mental Paint and Mental Latex", *Philosophical Issues*, 7: 19–49.

---, 1996b, "Functionalism", in *The Encyclopedia of Philosophy Supplement*, D. Borchert (ed.), New York: Macmillan.

---, 1999, "Sexism, Racism, Ageism and the Nature of Consciousness", in *Philosophical Topics*, 26 (1&2), 2002, "The Harder Problem of Consciousness", *Journal of Philosophy*, 94: 1–35.

---, 2003, "Mental Paint", in *Reflections and Replies: Essays on the Philosophy of Tyler Burge*, M. Hahn and B. Ramberg (eds.), Cambridge, MA: MIT Press.

---, 2007, "Wittgenstein and Qualia", *Philosophical Perspectives*, 21: 73–115.

Block, N. and Fodor, J., 1972, "What Psychological States Are Not", *Philosophical Review*, 81: 159–81.

Block, N. and Stalnaker, R., 1999, "Conceptual Analysis, Dualism, and the Explanatory Gap", *Philosophical Review* 108: 1–46.

Os Argumentos de Descartes a favor do Dualismo

(Excertos da *Sexta Meditação*)

Argumento da Conceptibilidade

E, primeiramente, porque sei que tudo que clara e distintamente concebo pode ter sido produzido por Deus exatamente como eu as concebo, basta que eu seja capaz de clara e distintamente conceber uma coisa a parte de outra para que esteja certo de que uma coisa é diferente de outra. Sabendo que elas, pelo menos, foram criadas para existir separadamente pela onipotência de Deus e, não importando por quais forças essa separação ocorre e que me compelem a julgá-las separadamente, meramente porque eu sei com certeza que eu existo, e, ao mesmo tempo não observo que nada além de ser um ser que pensa exista na minha essência ou natureza, eu, por direito, concludo que minha essência consiste em ser somente um ser pensante (ou uma substância cuja essência ou natureza total é meramente um pensar). E, embora eu possa, ou antes, como resumidamente direi, embora eu certamente possua um corpo ao qual estou intimamente interligado, não obstante porque, de um lado, eu tenho uma clara e distinta ideia de mim mesmo como sendo no máximo uma coisa pensante e sem extensão e, por outro lado, eu possua uma clara e distinta ideia de um corpo como sendo no máximo somente uma coisa extensa não-pensante, é certo que eu, (ou seja, minha mente, coisa pela qual eu sou o que eu sou), sou inteira e verdadeiramente distinto de meu corpo, e posso existir sem ele.

Argumento da Divisibilidade

Para começar apropriadamente este exame, eu reforço aqui, em primeiro lugar, que existe uma grande diferença entre mente e corpo, levando em conta que um corpo, devido a sua natureza, é sempre divisível, ao passo que a mente é totalmente indivisível. Pois, em verdade, quando considero minha mente, ou seja, a mim mesmo como no máximo não mais do que uma coisa pensante, não posso distinguir subdivisões em mim e eu, muito claramente, discirno que eu sou, de certo modo, uno e inteiro. E, conquanto a totalidade da mente esteja unida à totalidade do corpo, quando um pé, um braço, ou qualquer outra parte é amputada, estou consciente de que nada da mente foi subtraído. Também não podem as faculdades de desejar, perceber, conceber, etc., ser apropriadamente designadas como partes separadas dela, pois é a mesma mente que é exercitada (como um todo único) em desejar, em perceber, em conceber, etc. Mas exatamente o oposto ocorre em coisas corpóreas ou extensas, pois eu não posso imaginar nenhuma parte delas (não importando quão pequenas possam ser) que eu não possa separá-las em um exercício de pensamento, e que, portanto, não possa considerá-las como indivisível. Isto em si já seria suficiente para ensinar-me que a mente ou a alma de um homem é inteiramente diferente do corpo, se já não tivesse consciência disto por fontes outras.

Guia de leitura de “Sensações e Processos Cerebrais”

Como a posição de Smart é informada pelos avanços e descobertas no entendimento científico dos seres humanos?

O que Smart quer dizer com a frase “*nomological dangler*”?

Smart está afirmando que processos cerebrais causam sensações? Por que ou por que não?

Qual é a solução de Smart para o problema mente-corpo? Em outras palavras, o que é mente na concepção de Smart?

Guia de leitura de “Problemas com funcionalismo”

O que Block quer dizer quando diz que funcionalistas são culpados de liberalismo?

Qual é o sistema chinês projetado para replicar?

Como o sistema de experimento de pensamento chinês de Block representa um desafio para o funcionalismo?

Na última sentença da seção, Block chama esse argumento contra o funcionalismo de “*Absent Qualia Argument*.” Por que ele escolheu esse nome?